ARTES NAS SÉRIES INICIAIS

ROSANA EDMÉRCIA AMATTO ABREU

RESUMO
Este artigo discute a importância do ensino de Arte na Educação Infantil e nos Anos, favorece a formação de sujeitos mais críticos, expressivos e capazes de compreender o mundo ao seu redor. Assim, destaca-se a necessidade de valorizar a Arte como parte essencial Iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender seu real propósito dentro do currículo escolar. Diante disso, o problema que norteia esta pesquisa é: qual é o papel efetivo do ensino de Artes no desenvolvimento integral dos alunos nos primeiros anos da educação básica, e como ele tem sido compreendido e aplicado nas práticas pedagógicas? Muitas vezes vista apenas como um momento de recreação, a disciplina de Arte possui objetivos próprios que contribuem de forma significativa para o desenvolvimento das crianças. Por meio da análise de documentos oficiais, observa-se que os diferentes segmentos artísticos como artes visuais, dança, música e teatro promovem o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, da criatividade e da consciência social e cultural dos alunos. O estudo aponta que o ensino de Arte, quando bem conduzido da formação escolar, e não como uma atividade secundária.

Palavras-chave: Artes na Educação Infantil; Formação Integral; Ensino Fundamental; Educação Artística; BNCC.

INTRODUÇÃO

As disciplinas artísticas nos primeiros anos do ensino fundamental desempenham um papel importante no desenvolvimento geral das crianças, promovendo a expressão criativa, a sensibilidade estética e a construção de significado por meio de múltiplas linguagens. Nas fases iniciais da educação formal, o ensino da arte foi além da simples reprodução de técnicas ou apreciação de obras para se tornar uma experiência educativa que envolve o corpo, as emoções e a cognição, o que contribui para o desenvolvimento da identidade e da autonomia dos alunos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece essa importância ao desenvolver habilidades e competências específicas para o ensino das artes desde a infância, valorizando a diversidade cultural e incentivando a experimentação com diferentes formas de expressão, como música, teatro, dança e artes visuais.

Entretanto, apesar de sua importância educacional e social, o ensino de artes nas séries iniciais do ensino fundamental nas escolas brasileiras ainda enfrenta diversos desafios, como a escassez de professores especializados, a precariedade de recursos materiais e a tendência à marginalização dessa área do conhecimento em relação a disciplinas básicas como português e matemática. Essa realidade ressalta a necessidade de que tanto as políticas quanto as instituições educacionais valorizem mais as práticas artísticas nos ambientes escolares. Promover uma instrução artística eficaz e significativa desde cedo significa entender que esta área é essencial para o desenvolvimento de sujeitos críticos e criativos, sensíveis às diversas expressões culturais da sociedade.

Apesar de seu valor reconhecido, o ensino de Arte nas séries iniciais do Ensino Fundamental ainda é frequentemente subestimado, sendo visto por muitos como uma atividade secundária ou meramente recreativa. Diante disso, o problema que norteia esta pesquisa é: qual é o papel efetivo do ensino de Artes no desenvolvimento integral dos alunos nos primeiros anos da educação básica, e como ele tem sido compreendido e aplicado nas práticas pedagógicas? Parte-se da hipótese de que, quando valorizada e inserida de forma intencional no currículo, a Arte contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural das crianças. O objetivo geral deste trabalho é compreender a real finalidade do ensino de Arte na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, investigando de que maneira os seus diferentes segmentos artísticos podem colaborar para a formação integral dos alunos. Para isso,

foi realizada uma revisão de literatura com base em documentos oficiais, autores da área da educação e estudos acadêmicos recentes que tratam da importância das práticas artísticas na escola.

As disciplinas artísticas nos primeiros anos do ensino fundamental desempenham um papel importante no desenvolvimento geral das crianças, promovendo a expressão criativa, a sensibilidade estética e a construção de significado por meio de múltiplas linguagens. Nas fases iniciais da educação formal, o ensino da arte foi além da simples reprodução de técnicas ou apreciação de obras para se tornar uma experiência educativa que envolve o corpo, as emoções e a cognição, o que contribui para o desenvolvimento da identidade e da autonomia dos alunos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece essa importância ao desenvolver habilidades e competências específicas para o ensino das artes desde a infância, valorizando a diversidade cultural e incentivando a experimentação com diferentes formas de expressão, como música, teatro, dança e artes visuais.

Entretanto, apesar de sua importância educacional e social, o ensino de artes nas séries iniciais do ensino fundamental nas escolas brasileiras ainda enfrenta diversos desafios, como a escassez de professores especializados, a precariedade de recursos materiais e a tendência à marginalização dessa área do conhecimento em relação a disciplinas básicas como português e matemática. Essa realidade ressalta a necessidade de que tanto as políticas quanto as instituições educacionais valorizem mais as práticas artísticas nos ambientes escolares. Promover uma instrução artística eficaz e significativa desde cedo significa entender que esta área é essencial para o desenvolvimento de sujeitos críticos e criativos, sensíveis às diversas expressões culturais da sociedade.

O estudo da arte proporciona ao aluno uma ampliação de sua capacidade criativa, contribuindo significativamente para seu desempenho nas mais diversas situações e áreas do conhecimento. É importante destacar que, para grande parte da população, a escola representa o principal — e, muitas vezes, o único — espaço de acesso e vivência artística. Nesse contexto, torna-se essencial analisar de que forma o ensino de Artes é conduzido nas instituições de Educação Infantil, especialmente em um cenário contemporâneo marcado por desafios relacionados à transformação das práticas pedagógicas e à ressignificação do papel da arte no ambiente escolar e na sociedade em geral.

CONTEXTUALIZAÇÃO: A CRIANÇA E A ARTE

Ao tratar do processo educativo, é imprescindível considerar o meio social e cultural em que tanto o professor quanto a criança estão inseridos. Partindo dessa premissa, entende-se que a função da escola é oferecer subsídios que permitam à criança compreender o mundo ao seu redor, desenvolvendo uma postura crítica e participativa. Essa missão torna-se ainda mais relevante na Educação Infantil, uma etapa fundamental e marcante no desenvolvimento humano (BRASIL, 2001).

Historicamente, a concepção de infância passou por diversas transformações, acompanhando os contextos sociais e culturais de cada época. Conforme aponta Philippe Ariès (1981), durante a Idade Média, crianças pequenas e bebês praticamente não possuíam existência social, em razão da elevada taxa de mortalidade infantil. Ainda no século XVII, era comum que muitas crianças morressem sem que os próprios pais tivessem controle exato sobre quantos filhos tiveram ou perderam — um reflexo do descaso em relação à infância. Aquelas que sobreviviam ao período crítico dos primeiros anos de vida eram, muitas vezes, tratadas como “adultos em miniatura” (ARIÈS, 1981, p. 156). Foi apenas com Rousseau, em 1712, que a criança começou a ser percebida de maneira distinta, como um ser com características e necessidades próprias.

Apesar disso, as camadas populares mantinham-se distantes desse novo olhar sobre a infância. A criança continuava sendo vista sob uma ótica utilitária: só passava a ter valor quando estivesse apta a ingressar no mercado de trabalho. Com a Revolução Industrial, mudanças significativas ocorreram na estrutura familiar. A mulher passou a trabalhar fora de casa, e os cuidados infantis

— antes atribuídos quase exclusivamente à mãe — foram transferidos para outras mulheres, agora remuneradas por essa função.
No Brasil, a preocupação com a infância surge apenas no século XIX. Em 1899, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, que atendia crianças de até oito anos em situação de pobreza, doença, abandono ou conflito com a lei. Após a Primeira Guerra Mundial, com o aumento da presença feminina nas fábricas, surgiu a necessidade de espaços que acolhessem os filhos dessas mulheres. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras creches particulares, embora só viessem a se consolidar após a Segunda Guerra Mundial.
Desde 1947, a legislação brasileira já previa a criação de creches dentro das fábricas, com o intuito de possibilitar que as mães acompanhassem o desenvolvimento de seus filhos. Contudo, foi apenas com a Constituição de 1988 que a Educação Infantil — em creches e pré-escolas — passou a ser reconhecida como um direito da criança e um dever do Estado.
Sobre essa etapa, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) estabelece que a Educação Infantil constitui a primeira etapa da educação básica, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, abrangendo os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, em articulação com a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).
Diante das novas demandas sociais, é cada vez mais comum que as crianças ingressem na Educação Infantil ainda nos primeiros anos de vida. Tal realidade exige a presença de profissionais qualificados, capazes de atender não apenas às necessidades básicas, mas também de proporcionar um trabalho pedagógico que respeite e valorize a infância, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, criativos e conscientes. Por muito tempo, essa etapa foi negligenciada, sendo conduzida por profissionais com pouca ou nenhuma formação específica.
De acordo com os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (1998), essa etapa deve ter como principal meta a formação integral da criança. Nessa perspectiva, o ensino de Artes revela-se um componente essencial, funcionando como elo entre as diversas atividades desenvolvidas na Educação Infantil. A prática artística, quando bem orientada, pode colaborar de maneira significativa para a construção de uma infância mais rica em experiências simbólicas, expressivas e culturais.

Diante de todo esse percurso histórico e pedagógico, reforça-se a importância de uma Educação Infantil que reconheça a arte como linguagem fundamental no processo de desenvolvimento da criança. Valorizar a expressão artística é, portanto, valorizar a infância em sua essência, garantindo espaços de aprendizagem sensível, criativa e verdadeiramente significativa.

ARTE COMO ÁREA DO CONHECIMENTO

Diferentemente da originalidade da Arte enquanto expressão humana e da sua riqueza como patrimônio cultural da humanidade, o ensino dessa disciplina ainda se apresenta de forma empobrecida em muitas escolas do país. Conforme destaca Barbosa (2008), isso pode estar relacionado à ausência de formação específica por parte de grande número de professores, especialmente nas séries iniciais, à escassez de bibliografia acessível, ao desconhecimento dos conteúdos específicos da área, e à limitada troca de experiências entre educadores. Tais fatores contribuem para que o ensino de Arte se restrinja, muitas vezes, a atividades ligadas a comemorações cívicas, religiosas ou práticas desvinculadas do contexto artístico mais amplo.

Diante dessa realidade, torna-se urgente um novo olhar para a Arte, que a compreenda como uma forma legítima de produção de conhecimento. A Arte está intrinsecamente ligada à vida humana, expressando sentimentos, histórias e culturas. Sua presença é anterior à própria escrita, revelando-se essencial na constituição da identidade cultural dos povos. O ensino de Arte pode e deve dialogar com outras disciplinas, promovendo a interdisciplinaridade, já que a Arte está presente no cotidiano, e seu surgimento é inseparável da existência humana. Compreender a história da Arte, suas manifestações e seus contextos é, por-

tanto, compreender também a história da humanidade.

Dado que a Arte acompanha o ser humano desde os primórdios, é necessário que o ensino da História da Arte esteja articulado a práticas criativas e contextualizadas. Tal abordagem permite que as crianças se situem no universo artístico e possam criar a partir de vivências significativas. Nessa perspectiva, Duarte Júnior (1988) afirma:

Conhecendo a arte de meu tempo e cultura, adquiro os fundamentos que me permitem uma concomitante compreensão do sentido vivido aqui e agora. E mais: conhecendo a arte pretérita da cultura onde vivo. Posso vir a compreender as transformações operadas no seu modo de sentir e entender a vida ao longo da história, até os meus dias." (DUARTE JÚNIOR, 1998, p. 109)

O contato com as diversas formas de Arte, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, permite ao indivíduo reconhecer as contribuições históricas e culturais da dança, da música, do teatro e de outras linguagens. A Arte não apenas narra fatos, como guerras, descobertas e revoluções, mas também registra o cotidiano, sendo uma poderosa ferramenta para compreender e interpretar o mundo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Arte para a Educação Básica (2008) reforçam essa visão ao afirmarem que:

O ensino da Arte baseia-se num processo de reflexo sobre a finalidade da educação, os objetivos específicos dessa disciplina e a coerência entre tais objetivos, os conteúdos programados (os aspectos teóricos) e a metodologia proposta. Pretende-se que os alunos adquiram conhecimento sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver o pensamento crítico. (BRASIL, 2008, p. 52)

Considerando as exigências do mundo globalizado, é fundamental que as crianças desenvolvam habilidades para lidar com diferentes situações nos diversos contextos sociais em que estão inseridas. A Arte-Educação favorece um pensamento mais reflexivo e sensível, no qual o papel do professor é essencial. Cabe a esse profissional respeitar os modos individuais de aprendizagem, reconhecer os saberes que os alunos trazem de sua vivência cotidiana e articular esses saberes com o conhecimento artístico e cultural mais amplo.

Nesse processo, o professor se torna mediador do fazer artístico, da leitura estética e da reflexão sobre a Arte. Essa atuação deve começar desde a primeira infância, quando as crianças já estão em contato com sons, imagens, gestos e expressões culturais dos adultos com quem convivem. Assim, a criança não deve apenas contemplar a Arte, mas ser autora de criações que dialoguem com seu universo. Como lembra Fleuri (1997), é papel do professor planejar o tempo, organizar o espaço e promover a comunicação entre os alunos e com o conhecimento artístico.

O ensino de Arte, nesse sentido, deixa marcas significativas na vida da criança. Por meio dele, o educando aprende a lidar com situações novas, desenvolve autonomia e habilidades para expressar publicamente suas ideias e produções. A prática educativa em Arte busca alcançar três eixos fundamentais da aprendizagem significativa: fazer, interpretar e refletir sobre a Arte, contextualizando-a como uma produção social e histórica (BRASIL, 2008, p. 70). Essa abordagem permite ao aluno explorar sua imaginação, observar e analisar a realidade, participar de processos criativos, fazer escolhas e desenvolver sua individualidade, tornando-se mais crítico, consciente e autônomo.

Dessa forma, acredita-se que o aluno pode desenvolver competências nas diversas linguagens da Arte — dança, teatro, música e desenho — que devem ser trabalhadas de maneira integrada e sensível. O objetivo é estimular a expressividade, a imaginação, a percepção e a sensibilidade, fundamentais para a construção de uma visão mais rica e crítica de mundo.

Nesse sentido, Ferraz e Fusari (1999) enfatizam:

"[...] se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte e

para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de Arte e se mostre significativa na vida das crianças e jovens." (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 15)

Para que o ensino da Arte seja reconhecido como área produtora de conhecimento e promova um processo de ensino-aprendizagem coerente e significativo, é necessário repensar métodos, reorganizar propostas pedagógicas e garantir que a Arte esteja efetivamente inserida nas práticas escolares. Dessa forma, será possível contribuir para uma formação mais completa, sensível e crítica das crianças desde as etapas iniciais da educação.

Diante do exposto, evidencia-se que o ensino da Arte nas séries iniciais deve ser compreendido como parte essencial da formação integral da criança. Não se trata apenas de desenvolver habilidades técnicas, mas de estimular a sensibilidade, a criatividade, o senso crítico e a consciência histórica e cultural. A Arte, quando ensinada com intencionalidade e fundamentação, promove aprendizagens significativas e duradouras, favorecendo o desenvolvimento de sujeitos mais reflexivos e engajados. Para isso, é imprescindível que o professor seja valorizado, formado e apoiado em sua prática, assumindo um papel ativo na mediação entre a criança e as múltiplas linguagens artísticas. Assim, o ensino de Arte deixa de ser um espaço marginalizado e passa a ser um eixo estruturante da educação básica.

O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Kuhlmann (1998), a Arte assume formas diversificadas para a criança. As aulas de Arte tornam-se significativas quando adquirem um caráter lúdico, no qual a criança consegue expressar suas emoções, desejos e sentimentos de maneira espontânea. Por meio de atividades como desenhar, pintar e esculpir, ela seleciona e organiza elementos de suas vivências, construindo um novo todo com significado pessoal. Essa prática representa uma forma de comunicação consigo mesma, permitindo identificar e ressignificar aspectos do meio que a rodeia.

Entretanto, é fundamental que os adultos evitem impor padrões estéticos às crianças. O papel do educador é oferecer suporte para que elas desenvolvam sua própria consciência estética. Rossi (1995) compreende essa consciência como "a busca de visão global do sentido da existência", o que envolve a capacidade de fazer escolhas e exercer pensamento crítico, sem se submeter a imposições. A partir dessa perspectiva, a aprendizagem na Arte deve integrar o saber ao agir, o sentir ao pensar, promovendo uma formação integral.

Cada experiência vivida por uma criança exerce influência sobre ela. Assim, suas criações artísticas podem representar não apenas seu intelecto, mas também seu mundo emocional. Como observa Pillotto (2000), essas produções funcionam como um recurso que a própria criança busca de forma natural quando enfrenta momentos de frustração ou desconforto. Por isso, é essencial que o desenho seja uma atividade espontânea, pois contribui para que a criança se torne mais tranquila e desinibida. O trabalho artístico, especialmente na Educação Infantil, deve ser pensado para agradar e envolver a própria criança, e não atender às expectativas do adulto. Nesse estágio da vida, a expressão de sentimentos e preferências acontece sem censura, o que torna esse período ideal para exploração artística.

O movimento corporal, por exemplo, é uma das primeiras formas de expressão utilizadas pela criança. Inicialmente descoordenados, esses movimentos se refletem em rabiscos — as chamadas garatujas — que já configuram suas primeiras experiências criativas. Coutinho (1994) destaca que esses gestos simples demonstram estados emocionais, como alegria, e que não devem ser podados. Ao contrário, devem ser incentivados e acolhidos como parte do desenvolvimento.

Com o passar do tempo, a criança deixa de se satisfazer com a simples relação entre sua imaginação e aquilo que desenha. Segundo Ferraz e Fusari (1992), ela começa a buscar uma representação mais próxima da realidade, o que reflete o amadurecimento de sua personalidade e de sua capacidade criativa. A evolução do fazer artístico acom-

panha esse desenvolvimento cognitivo e emocional.

É papel do educador incentivar essa expressão de maneira ativa e cuidadosa, sem interferir na autonomia de pensamento da criança. Quando bem conduzido, esse processo fortalece a autoconfiança infantil, essencial para que ela enfrente seus desafios com segurança, o que impacta positivamente seu futuro e sua capacidade de se posicionar no mundo (FERRAZ; FUSARI, 1992).

Pensar o ensino da Arte é, portanto, pensar na leitura e na produção da linguagem artística. Rhonda Root (1989, p. 32) define a arte como "a maneira de expressão pessoal, uma perspectiva única expressada em cada criação estética; ela cresce nas ideias artísticas, emoções, pensamentos, sentimentos, medos, sonhos e observações". Com base nisso, entende-se que o potencial criativo está presente em todo indivíduo e que o envolvimento com a Arte pode trazer inúmeros benefícios à criança.

A Arte, nesse contexto, não se limita ao desenvolvimento intelectual, mas abrange dimensões sociais, perceptivas, físicas, emocionais e psicológicas. Ferraz e Fusari (1992, p. 37) destacam que a educação deve envolver "diferentes métodos de ensino para desenvolver de forma livre e flexível, a sensibilidade e a conscientização de todos os sentidos (ver, sentir, ouvir, cheirar, provar), realizando assim uma interação do sujeito".

É necessário, portanto, que a Arte seja tratada como um campo legítimo de conhecimento no currículo escolar. Para isso, é fundamental que os professores reconheçam a importância da Arte para o desenvolvimento integral dos estudantes. O educador deve criar espaços para o diálogo, oferecer oportunidades de aprendizagem significativas e encorajar a expressão espontânea dos alunos. É fundamental que a criança aprenda, desde cedo, que pode errar e tentar novamente — um processo de aprendizado que favorece o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da autoconfiança.

Compreender a Arte como uma linguagem expressiva e essencial no processo de desenvolvimento infantil é garantir à criança oportunidades para crescer de maneira plena e significativa. O papel do educador, nesse contexto, é facilitar o caminho para que os pequenos explorem suas emoções, pensamentos e percepções de forma livre, sem medo de errar. Ao valorizar o fazer artístico na infância, promove-se uma educação mais sensível, respeitosa e transformadora, capaz de formar sujeitos mais críticos, criativos e autônomos.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática pedagógica voltada para o ensino da arte na Educação Infantil deve ser compreendida como um eixo fundamental no processo de formação integral das crianças. De acordo com Melo e Lourenço (2023), os documentos orientadores como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN-Arte) foram concebidos com o intuito de oferecer subsídios teóricometodológicos que auxiliem o trabalho docente cotidiano em creches e pré-escolas, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tais diretrizes não apenas norteiam a ação pedagógica, como também valorizam a ampliação da criatividade, da imaginação e do desenvolvimento pleno da criança.

Entretanto, conforme argumentam Martins e Mattos (2021), é imprescindível que o educador tenha vivências estéticas consistentes, pois só assim poderá ultrapassar uma visão estereotipada da arte e criar oportunidades para que os pequenos se expressem com liberdade e autenticidade. Sob essa perspectiva, os autores propõem uma ressignificação das atividades artísticas, outrora tratadas como complementares, mas que hoje assumem centralidade na formação infantil, por favorecerem a construção de sentidos por meio da linguagem corporal, visual e simbólica.

Ainda nessa direção, estudos de Quadros e Santos (2012) revelam que muitas instituições de Educação Infantil já dispõem de recursos materiais e espaços adequados para a realização de práticas artísticas, além de tempo didático destinado a essas atividades. No entanto, apesar dessas condições favoráveis, a efetividade das ações educativas depende fortemente do preparo docen-

te e da intencionalidade pedagógica.
A esse respeito, os mesmos autores destacam que o ensino da arte deve ser tratado como uma área de conhecimento específica e consolidada nos currículos escolares, exigindo, portanto, formação apropriada dos professores. O ensino de artes visuais – como o desenho, a dança, o teatro – requer um trabalho contínuo, ancorado em conteúdos e experiências relacionadas à história da arte, aos materiais e às técnicas que estruturam essa linguagem.
Complementando essa compreensão, os PCNs de Arte (BRASIL, 1998) recomendam que as atividades artísticas propiciem às crianças o manuseio de diferentes materiais, a exploração de texturas, gestos e espaços, bem como a construção de objetos variados. No entanto, é necessário planejar essas propostas com atenção à temporalidade e ao interesse da criança, que se manifesta de forma breve e espontânea, sendo o prazer estético derivado da própria ação exploratória.
Apesar das orientações oficiais, Quadros e Santos (2012) alertam para a distância entre teoria e prática, afirmando que a qualidade das atividades está diretamente relacionada às condições de trabalho do professor. Um ambiente seguro e bem estruturado favorece não só o engajamento das crianças, mas também a confiança do educador nas propostas desenvolvidas.
Contudo, ainda é comum encontrar docentes que veem as práticas artísticas como meras atividades recreativas, desprovidas de intenção educativa. Como observa Oliveira (2008), muitas professoras consideram o ensino da arte como simples passatempo – pintura, colagem, desenho – negligenciando o valor formativo dessas linguagens. Por outro lado, há aquelas que reduzem a infância a uma fase de preparação para o ensino fundamental, centrando-se em atividades de repetição, cópia e memorização, sem considerar o impacto dessas práticas na constituição da subjetividade e da autoestima das crianças.
Diante desse panorama, torna-se urgente repensar as práticas pedagógicas no ensino de arte na Educação Infantil, valorizando a formação docente, a intencionalidade educativa e a arte como campo legítimo de conhecimento e expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo mostrar a importância da arte na educação infantil.
Através de pesquisas bibliográficas percebe-se que alguns autores citados falam das possibilidades que a arte propicia na vida das crianças. Através da arte a criança adquiri novas habilidades fazendo novas descobertas expressando suas frustações e angústias, adquirindo autoconfiança.
Através das Artes Visuais a criança expressa sua visão de mundo e com isso desenvolve-se no âmbito afetivo, motor e cognitivo utilizando as diferentes linguagens artísticas que constituem as artes visuais, tendo a oportunidade de construir, criar, recriar e inventar, tornando-se um sujeito ativo e crítico na sociedade. A educação infantil através da arte auxilia no desenvolvimento criativo e estético, à medida que a mesma adquire gosto pela arte se torna um ser mais crítico e reflexivo. Neste sentido, as artes visuais na educação infantil são importantes para as crianças vivenciarem suas experiências e desenvolver o conhecimento em diferentes produções artísticas.
Na medida em que a criança conquista seu lugar na sociedade como parte ativa da construção do seu conhecimento, as artes visuais e suas diferentes linguagens passaram a ser objeto de estudo por muitos teóricos, que compreenderam a necessidade delas serem usadas principalmente na Educação Infantil (crianças de zero a cinco anos), visto que são o principal auxílio no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.
De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o ensino das artes passou a fazer parte do currículo do ensino, nos diversos níveis da educação básica, de forma a facilitar o desenvolvimento cultural dos alunos. As Artes Visuais além de trabalharem o lado afetivo e de interação social das crianças, elas colaboram para o desenvolvimento da motricidade infantil e de outros conteúdos trabalhados em sala de aula que irão repercutir, futuramente, na vida pessoal, escolar e profissional do indivíduo.
A cada atividade realizada seja no recorte

de papel ou na manipulação de massinha, a criança adquiri o direito de conhecer o mundo tornando-se um sujeito ativo no mundo expressando seus sentimentos sem a fala. As Artes Visuais são recursos utilizados por muitas escolas para a formação plena da criança, trabalhandoos não como passatempo, mas sim como uma forma de aprendizagem lúdica, repleta de objetivos importantes no desenvolvimento da criança, seja na argila ou na tela, a criança se expressa de maneira natural na criação artística, proporcionando um contato direto com seus sentimentos, despertando maior atenção ao seu processo de sentir.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança de família. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Com Arte, 1998.

BARBOSA, A. M. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo. 4 ed.: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

COUTINHO, Rejane Galvão. Por que a História dos Fundamentos da Arte-Educação.
In: Ensino de Arte: Reflexões (Org.). ETFPE – ANARTE – Regional, Pernambuco, 1994.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? Campinas: Papirus, 1988.

FERRAZ, M. H.; FUSARI, M.F.R. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortês, 1992.

FERRAZ, M. H. C. de Toledo. FUSARI, M. F. de Rezende; Metodologia do Ensino da Arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1999.

FLEURI, R. M. (1997). Educar para que? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na Escola. São Paulo: Cortez.

KUHLMANN, M. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Medição, 1998.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica. Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2008.

PILLOTTO, Silvia S.D. A trajetória histórica das abordagens do ensino e aprendizagem da arte no contexto atual. Revista Univille, v. 5, n. 1, abr. 2000.

ROOT, Rhonda. Art is for everyone. The jornal of Adventista Education. General Conference. April – May, 1989, p. 32.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão das imagens da arte. Arte & Educação em Revista, Porto Alegre, v. 1, p. 27-35, 1995.